

## **Possíveis diálogos entre ecossistemas criativos para o alcance de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**

### *Possible dialogues between creative ecosystems to achieve the Sustainable Development Goals*

**Aline Callegaro de Paula Bueno, Mestre em Design Estratégico, Universidade do Vale  
do Rio dos Sinos – UNISINOS**

alinebueno@unisinis.br

#### **Resumo**

Entre 2016 e 2018 foi realizada pesquisa de mestrado no âmbito do Design Estratégico para Inovação Cultural e Social que identificou e observou, em Porto Alegre, quatro tipos de ecossistemas criativos que promovem inovação social em direção à sustentabilidade: as casas colaborativas, os espaços coletivos de produção, as ocupações urbanas e as moradias compartilhadas. A partir da observação dos ecossistemas criativos, constatou-se que os mesmos possuem visões e valores em comum que apontam para um mundo mais sustentável, democrático e resiliente. Além disso, percebeu-se que suas atividades já contribuem, mesmo que em pequena escala, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Neste artigo são apresentados os ecossistemas criativos pesquisados e as inovações sociais que promovem e seis propostas de possíveis diálogos estratégicos entre eles que são capazes de uni-los e fortalecê-los como novos modos de vida mais sustentáveis e que podem contribuir para ampliar o alcance dos ODS.

**Palavras-chave:** Design Estratégico; Ecossistemas Criativos; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; Inovação Social.

#### **Abstract**

*Between 2016 and 2018, a master's research was carried out in the scope of Strategic Design for Cultural and Social Innovation, which identified and observed in Porto Alegre four types of creative ecosystems that promote social innovation towards sustainability: collaborative houses, collective spaces of production, urban occupations and shared housing. From the observation of the creative ecosystems, it was verified that they have common visions and values that point to a more sustainable, democratic and resilient world. In addition, the research has demonstrated that their activities already contribute, even on a small scale, to the Sustainable Development Goals (SDG). This article presents the researched creative ecosystems and the social innovations they promote and six proposals for possible strategic dialogues between them that are able to unite and strengthen them as new, more sustainable ways of life and that can contribute to broadening the reach of the SDG.*

**Keywords:** Strategic Design; Creative Ecosystems; Sustainable Development Goals; Social Innovation.

## 1. Introdução

Entre os anos de 2016 e 2018, no Programa de Pós-Graduação em Design na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), foi realizada a pesquisa de mestrado intitulada Uma coalizão de design para a transformação social: propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos. (Bueno, 2018). O objetivo geral do estudo foi explorar, pela perspectiva do design estratégico, possibilidades de integração de diferentes ecossistemas criativos identificados na cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil, que geram inovação social e têm o potencial de colaborar com o desenvolvimento sustentável do território no qual se encontram.

Ao longo da pesquisa, foram identificados vinte e nove ecossistemas criativos na cidade de Porto Alegre. A identificação se deu através da participação em reuniões mensais realizadas pelos grupos, em visitas guiadas pelos espaços nos quais estão localizados e em eventos relacionados aos temas de interesse dos grupos. Assim como através de entrevistas com participantes e de pesquisas bibliográfica e documental. O mapeamento e a observação dos ecossistemas criativos possibilitou reuni-los em quatro tipos distintos: as casas colaborativas, os espaços coletivos de produção, as ocupações urbanas e as moradias compartilhadas.

Apesar das diferenças entre si, observou-se, a partir de suas atividades internas e externas (eventos, cursos, palestras, encontros, entre outras), que os ecossistemas criativos possuem visões e práticas em comum a respeito de um mundo mais sustentável. Constatou-se que as atividades que realizam têm a possibilidade de contribuir para a necessária e urgente transformação de determinados domínios-chave, conforme Holmgren (2013), para uma cultura de fato sustentável: espaço construído; cultura e educação; saúde e bem-estar espiritual; economia e finanças; manejo da terra e da natureza; posse da terra e comunidade; ferramentas e tecnologia.

Além disso, observou-se que tais atividades também têm o potencial de colaborar para o alcance de inúmeros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) elencados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2015, representantes de 193 Estados-membros da ONU e o público em geral estabeleceram dezessete objetivos para serem alcançados até 2030 que abrangem o desenvolvimento social, econômico e ambiental do planeta. Entre eles estão: acabar com a fome e a pobreza; promover oportunidades de aprendizagem; assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis; e promover sociedades pacíficas e inclusivas. (Nações Unidas, 2015).

Com base no que há de diverso e de comum entre os ecossistemas criativos, foram propostos, como resultado da pesquisa, seis diálogos estratégicos orientados pelo design com a intenção de aproximá-los para que mutuamente se fortaleçam como alternativas à lógica do sistema socioeconômico atualmente dominante. Os diálogos estratégicos, conceito do pesquisador e designer italiano Manzini (2017), referem-se à prática e processo do diálogo, em que a escuta é tão importante quanto a fala, como estratégia de coalizão de diferentes atores, sendo eles designers ou não designers. Os diálogos estratégicos foram propostos levando em consideração a articulação das atividades desenvolvidas pelos ecossistemas criativos que potencialmente podem cooperar com as mudanças nos domínios-chave citados por Holmgren (2013) e com o alcance dos ODS.



Neste artigo, serão descritos os quatro tipos de ecossistemas criativos identificados e as inovações sociais que promovem no contexto da cidade de Porto Alegre. A seguir, apresentaremos as seis propostas de diálogos entre os ecossistemas criativos, baseadas no design estratégico, capazes de uni-los e fortalecê-los como novas formas mais sustentáveis, democráticas e resilientes de agir no mundo.

## 2. Os Ecossistemas Criativos de Porto Alegre

A partir da perspectiva do pensamento complexo (Morin, 2015) abordada pelo Grupo de Pesquisa em Design Estratégico para Inovação Cultural e Social (GPDEICS), os ecossistemas criativos são entendidos como ecossistemas constituídos de relações entre pessoas que desenvolvem processos criativos que, por sua vez, geram artefatos, sistemas ou mesmo processos com potencial de serem originais e inovadores. (FRANZATO et al., 2015). Compreendem-se os ecossistemas criativos como grupos de pessoas que reconfiguram e ressignificam seus recursos disponíveis de uma maneira criativa e que são capazes de promover inovações sociais em direção à sustentabilidade. Essas pessoas normalmente mostram-se indignadas e mesmo cansadas de ver para onde estamos indo se deixarmos tudo como está e passam a colocar em prática visões que apontam para outros modos de convivência, de trabalho, de produção e consumo. E é no contexto urbano onde elas atuam mais diretamente. A cidade torna-se o palco de suas experimentações, o local de seus projetos de vida. Ao concretizarem suas ideias, produzem uma outra cidade, onde seus valores, desejos e sonhos materializam-se.

Para fins da pesquisa realizada, as inovações sociais promovidas pelos ecossistemas criativos foram compreendidas a partir do estudo de dois projetos internacionais de pesquisa: *Emerging User Demands for Sustainable Solutions* (EMUDE) e *Transformative Social Innovation Theory* (TRANSIT). O primeiro, coordenado por Manzini e desenvolvido entre 2004 e 2006 em oito países europeus, apresenta as inovações sociais como processos criativos e colaborativos para a resolução de problemas e para o aproveitamento de oportunidades que geram discontinuidades locais. (MERONI, 2007; JÉGOU, MANZINI, 2008). Complementarmente, o segundo projeto de pesquisa coloca a inovação social como um processo interativo e co-evolutivo que não apenas desafia, mas também tem o potencial de alterar ou substituir instituições existentes ou dominantes no contexto local. Entende-se por instituições as lógicas e modos dominantes, sejam eles quais forem. Este processo diz respeito ao exercício de novas relações sociais que são, ao mesmo tempo, produto e produtoras de novas maneiras de fazer, de organizar, de conceituar e de saber (Avelino et al., 2017; Haxeltine et al., 2016).

Partindo então dos projetos de pesquisa estudados, compreende-se a inovação social não somente como a resolução de problemas sociais de uma maneira diferente da que vinha sendo feita. Mas, também, como a reconfiguração e ressignificação de relações e práticas sociais realizadas por indivíduos e organizações de forma colaborativa que contribuem para uma mudança em direção a uma cultura realmente sustentável.

Ao observarmos os quatro tipos de ecossistemas criativos identificados em Porto Alegre a partir da perspectiva de inovação social apresentada, constatamos que cada um desenvolve um modo de inovação social rumo à sustentabilidade, seja na sua forma de gestão, de produção, de resistência ao sistema dominante ou de convivência entre seus integrantes. Apresentaremos, a seguir, tais ecossistemas criativos.

## 2.1. Casas Colaborativas

As primeiras casas colaborativas foram criadas por empreendedores em diferentes áreas da economia criativa como design, arquitetura, tecnologia da informação, marketing, administração, entre outras. A intenção inicial era dividir espaços de trabalho, mas, além disso, era também colocar em prática e testar formas organizacionais com uma gestão distribuída, sem que houvessem gerentes ou coordenadores para determinadas tarefas, e sem que houvesse sequer reuniões para votações, definições ou decisões. A proposta era que a manutenção da casa fosse realizada através de contribuições financeiras espontâneas e com valores definidos pelos próprios integrantes. A entrada e saída das pessoas eram livres, pois todos podiam receber a chave das casas. Eram ambientes de liberdade criativa, de experimentação de um modelo mental e organizacional horizontal e não hierárquico, e de construção de relações de confiança e abertura (Oliveira, 2014; Velasques, 2016).

Em Porto Alegre, as casas posteriores a essa primeira fase emergiram a partir de 2012. Durante encontros mensais entre membros das casas colaborativas realizados em 2016, foram mapeadas oito delas: Acervo Independente, Aldeia, La Casa de Pandora, Nimbus, Paralelo Vivo, TransLAB, Vila Flores e ZAC - Zona de Aprendizado Criativo.

Os integrantes das casas colaborativas envolvidos na gestão buscam inspiração nos mais diferentes processos, abordagens e ferramentas. Podemos citar o Dragon Dreaming que intitula-se uma metodologia de desenvolvimento de projetos colaborativos. Certas ferramentas ensinadas nos cursos de Dragon Dreaming (alguns realizados nas próprias casas colaborativas) são adaptadas para os processos de gestão. Há a Sociocracia, entendida como uma "[...] tomada de decisão e um método de governança para gerenciar que permite a uma organização se gerenciar como um conjunto orgânico". (Sociocracia, [2017?]). A Arte de Anfitriar (mais conhecida pelo seu nome original em inglês, Art of Hosting) é vista como uma abordagem "[...] para o alcance desde liderança pessoal até a sistêmica, utilizando práticas pessoais, de diálogo, facilitação e cocriação de inovação, de forma a endereçar mudanças complexas". (Arte De Anfitriar, [2017?]).

A inspiração nesses diferentes processos e abordagens e a mistura dos mesmos torna a gestão das casas colaborativas algo híbrido que não deixa de lado métodos tradicionais da administração. O ponto a salientar é a importância dada à participação dos integrantes das casas colaborativas nos processos decisórios, já que as decisões são tomadas da forma mais aberta e transparente possível e todos são convidados a expor seus argumentos e opiniões. O que não significa que de fato todos participem – o mais comum é a participação das pessoas que possuem um perfil mais colaborativo e ativo dentro das casas.

Partindo da conceituação de inovação social anteriormente apresentada, as casas colaborativas reconfiguram e ressignificam as relações e práticas sociais promovendo, assim, novas maneiras de gerenciar, conectadas com um formato mais distribuído e integrador. A inovação social nesse caso é identificada nas novas relações sociais que produzem e são produzidas por novos métodos de gestão: uma gestão que engloba o cuidado, a abertura para a escuta e para o diálogo, a tomada de decisão o mais horizontal possível e a tentativa constante de fazer com que os participantes não se sintam numa empresa de viés corporativo e puramente comercial, mas sim num ambiente acolhedor.

## 2.2. Espaços Coletivos de Produção

Ateliês compartilhados por artistas visuais, escritórios divididos entre empresas de arquitetura ou estúdios de ensaio e gravação utilizados por músicos são formatos bastante conhecidos e podem ser identificados ao longo da história. O que percebe-se eclodir em tempos mais recentes no Brasil são espaços coletivos de produção formados por empreendimentos de diferentes segmentos: design, moda, audiovisual, publicidade, comunicação digital, arquitetura, entre outros. Identificamos dez desses espaços em Porto Alegre: A Casa, Area 51, Cartel 331, Casa de Amapola, Casa Garibaldi, CC100, Distrito Empreendedor, Galpão Makers, Marquise 51 e Quintal Cultural. Diferentemente das casas colaborativas, os espaços coletivos de produção não possuem gestão colaborativa, sua administração é realizada por um grupo gestor, em alguns casos, remunerados para tal fim.

A iniciativa da criação de um espaço surge de integrantes de um ou mais empreendimentos que necessitam de um local de produção e desejam compartilhar os custos deste local. Cada espaço coletivo de produção é então formado por empreendimentos criados e administrados por jovens empreendedores, em sua grande maioria com educação superior finalizada ou em andamento.

A produção dos empreendimentos pode ser limpa, ou seja, quando envolve atividades realizadas em escritórios, estúdios ou salas de reunião; ou pode ser suja, no caso de atividades em que materiais precisam ser cortados, lixados e pintados. Quanto à produção limpa, há os escritórios de publicidade e propaganda, de design gráfico e de marketing, por exemplo, em que os integrantes dos empreendimentos usam basicamente computadores, mesas, cadeiras e as paredes para colocar recados. Quanto à produção dita suja, há ambientes com máquinas e equipamentos que geram resíduos para uso compartilhado entre os integrantes.

Os espaços coletivos de produção inovam na medida em que buscam desenvolver e incentivar novas relações sociais nos processos de produção e de trabalho. Buscam um envolvimento e cuidado maior com matérias primas, com o ciclo dos produtos criados e nos relacionamentos com fornecedores, clientes e parceiros. Evidentemente, ainda estão no caminho para que alcancem processos sem nenhum tipo de desperdício, mas já atuam nesse sentido a partir de pequenos atos. Pela ótica da inovação social como solução para problemas sociais, estão também cooperando com a geração de renda através de sua capacidade produtiva, fazendo com que essa renda circule entre outros atores.

## 2.3. Ocupações Urbanas

As ocupações urbanas são constituídas de famílias em situação de vulnerabilidade que se organizam para dar função social a imóveis públicos ou privados abandonados ocupando-os. São movimentos de resistência que lutam não apenas pelo direito à moradia digna, mas pelo amplo direito à cidade. (Lefebvre, 2011). As ocupações urbanas são, portanto, grupos de pessoas que lutam por justiça, igualdade e por uma cidade inclusiva. Resistem à transformação dos cidadãos em meros consumidores e da moradia em mercadoria, reivindicando seu papel de agente ativo nas dinâmicas de construção da cidade.

As ocupações urbanas de interesse para o estudo foram especificamente as ocupações de casas ou prédios localizados em bairros centrais de Porto Alegre e que também desenvolvem atividades socioculturais para a comunidade. Foram mapeadas as seguintes ocupações: Assentamento 20 de Novembro, Assentamento Utopia e Luta, Kuna Libertária, Ocupação Lanceiros Negros, Ocupação Mulheres Mirabal, Ocupação Pandorga, Ocupação Saraí e Violeta Casa de Cultura Popular.

Dentre as ocupações mapeadas, apesar de todas terem espaços de moradia fixa ou temporária, há algumas distinções. A Kuna Libertária, Pandorga e Violeta - Casa de Cultura Popular são iniciativas chamadas de "ocupas culturais". São formadas por artistas, estudantes e educadores que, além de buscarem um local de moradia, também procuravam por um espaço para a realização de atividades socioculturais para a população. Nelas é comum o alojamento de artistas de rua ou artistas itinerantes que vêm de outras cidades do Brasil ou ainda de outros países. Os assentamentos 20 de Novembro e Utopia e Luta, e as ocupações Lanceiros Negros e Saraí são focadas predominantemente em moradia, mas também em geração de renda. As duas primeiras são chamadas de assentamento pois já têm a posse do imóvel.

A inovação social promovida pelas ocupações urbanas manifesta-se através de suas reivindicações por moradia digna e espaços com a devida função social nos centros urbanos. Não aceitam a situação de pessoas que não tenham uma habitação adequada ou que não tenham um local em que possam realizar atividades socioculturais para comunidades em situação de vulnerabilidade. É justamente a capacidade de aproximação e união de diferentes pessoas para a luta por seus direitos enquanto cidadãos o que nos mostram as ocupações urbanas. Ao contrário dos outros tipos de ecossistemas criativos, as ocupações urbanas demonstram um maior engajamento político em questões que afetam a tantas pessoas, como o caso da moradia e da função social da propriedade. A inovação social gerada pelas ocupações urbanas talvez seja a mais impactante pois é capaz de provocar a criação de políticas públicas com efeitos significativos para a sociedade.

#### **2.4. Moradias Compartilhadas**

Em Porto Alegre, foram identificadas três moradias compartilhadas em uma região central da cidade: Casa Bosque, Comuna da Lopo e Comuna do Arvoredo. Embora sejam em menor número se comparados com os outros tipos de ecossistemas criativos, considerou-se relevante para a pesquisa, pois aportam um aspecto entendido como fundamental para um futuro mais sustentável: a valorização e o resgate do senso de comunidade e do cuidado mútuo. É fundamental, pois, devido à escala dos problemas sociais, ambientais e econômicos, não é o comportamento individualista de pessoas que pensam e agem apenas em benefício próprio que vai resolvê-los. Pelo contrário, é mais provável que os agravem.

As moradias compartilhadas são formadas por pessoas que optaram por morar com amigos ou mesmo desconhecidos em uma casa em que espaços, materiais e equipamentos são utilizados por todos. Porém, nessas iniciativas há um balanço entre o que é público e o que é privado. Enquanto a cozinha, a sala e o quintal ou jardim são espaços públicos em que todos podem utilizar, cada um tem seu próprio quarto em que sua privacidade é respeitada. Mas os quartos não precisam necessariamente ser sempre da mesma pessoa. Na



Casa Bosque, onde atualmente há seis moradores, ao entrar na casa, todos concordam em fazer um rodízio dos quartos. Cada morador paga a mesma quantia pelo aluguel, portanto não há exclusividade no uso de um quarto específico. Se um integrante deseja trocar de quarto, o assunto é levado às reuniões semanais e decidido de comum acordo entre os moradores.

Enquanto que nos prédios residenciais as pessoas pouco se conhecem, pouco sabem o nome umas das outras, nas moradias compartilhadas a proximidade entre os moradores é um dos pontos mais importantes. Algo que no cotidiano de pressa e isolamento foi perdido, nas moradias compartilhadas é resgatado. Saber viver com os outros, fazer trocas emocionais significativas e compartilhar dos mesmos espaços para dormir, se alimentar, descansar e trabalhar são aprendizados diários nesse tipo de ecossistema criativo. Podemos dizer que o que as moradias compartilhadas solucionam enquanto inovação social é o problema social da individualidade extrema e do isolamento dos sujeitos.

Como foi possível observar, cada um dos quatro tipos de ecossistemas criativos tem seus processos e práticas específicos e promove à sua maneira inovação social em direção à sustentabilidade. As novas relações sociais desenvolvidas pelas casas colaborativas e pelos espaços coletivos de produção geram e são geradas por novos modos de gerenciar e de produzir, respectivamente. Já as ocupações urbanas desenvolvem novas relações sociais que geram e são geradas por outros modos de reivindicar por direitos, enquanto as moradias compartilhadas criam outras formas de convivência e sociabilidade no meio urbano que fogem do padrão.

### **3. Propostas de diálogos estratégicos**

As propostas de diálogos partem do design estratégico enquanto abordagem que visa

ativar e sustentar estes ecossistemas criativos, pois o design estratégico permite e promove processos de estruturação de relações ecossistêmicas e de sua prática projetual. O efeito mais significativo do design estratégico é a organização e a contínua reorganização das relações e das atividades que são desenvolvidas no ecossistema das empresas públicas e privadas, das ONGs, demais organizações, e de todos os atores e intérpretes locais. (FREIRE, DEL GAUDIO, FRANZATO, 2016).

Portanto, as propostas são interpretadas como estratégias orientadas pelo design para a integração dos ecossistemas criativos para que com essa articulação possam se fortalecer como alternativas às lógicas do sistema socioeconômico atualmente vigente.

A elaboração das propostas partiram da observação das atividades desenvolvidas (eventos, cursos, palestras, encontros, entre outras) e mapeadas nos vinte e nove ecossistemas criativos entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017. Também foram mapeados os empreendimentos que faziam parte das casas colaborativas e dos espaços coletivos de produção no mesmo período para que fosse possível conhecer os perfis e atividades dos empreendimentos. O mapeamento das atividades e dos empreendimentos encontra-se no endereço eletrônico: <https://bit.ly/2zPexan>.

Em seguida, os resultados foram organizados com inspiração nos domínios-chave apontados por Holmgren (2013) que precisam ser transformados para que uma cultura realmente sustentável possa emergir. Na construção das propostas foram também levadas em consideração as contribuições que os diálogos poderiam dar aos dezessete ODS.

Entendemos que, se houver diálogos estratégicos entre os ecossistemas criativos e, conseqüentemente, a integração de suas atividades e projetos em direção a um propósito em comum, os ODS poderiam ganhar força, visibilidade e alcance.

Sendo assim, foram analisadas as visões e práticas dos ecossistemas criativos e a partir delas propostos seis diálogos estratégicos para impulsionar possíveis novas conexões e relações entre eles. Sabe-se que integrar pessoas com perfis e ideologias tão diversas não é uma tarefa fácil. Em razão disso, as propostas concentraram-se nos pontos convergentes entre os ecossistemas criativos. Pontos esses os quais demonstraram que já havia certa sintonia entre visões e valores a respeito de assuntos específicos. Além disso, mostravam que, apesar das divergências, havia um desejo de cidade sustentável com traços em comum.

A seguir, são apresentadas, de forma sucinta, as propostas:

### 3.1. Diálogo sobre o que nos Nutre

Este diálogo propõe a integração das atividades de agricultura urbana, de comercialização de produtos orgânicos e de descarte de resíduos que já são realizadas nos ecossistemas criativos para que as ideias de produção e consumo sustentável sejam disseminadas para mais pessoas. E para que também seja promovida a alimentação saudável e a consciência de todo o ciclo produtivo, do plantio ao descarte.

A integração de tais atividades poderia contribuir para o alcance dos seguintes ODS: 2 - Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; 8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; 12 - Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

### 3.2. Diálogo sobre o que nos traz Bem-estar para o Corpo e Mente

Esta proposta baseia-se em um diálogo sobre as maneiras que temos disponíveis para prevenir futuros problemas de saúde, para manter nosso corpo ativo e saudável e nossa mente em paz. As trocas entre os ecossistemas criativos poderiam disseminar as atividades já desenvolvidas como yoga, meditação, capoeira, dança e Comunicação Não Violenta atingindo um público maior que se beneficiaria de tais ações.

Quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esta proposta de diálogo pode contribuir com o ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; o ODS 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; e o ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável.

### 3.3. Diálogo sobre o Espaço que Construimos

Dos vinte e nove ecossistemas criativos mapeados, vinte estão localizados em casas, sete em prédios inteiros e dois em galpões. Percebemos uma demanda geral dos ecossistemas criativos no que diz respeito à manutenção dos espaços, seja por fornecedores para determinados serviços, por materiais e equipamentos ou por mão-de-obra. Todos, de





uma ou outra maneira, têm necessidades que referem-se aos cuidados com o local onde estão para que possam seguir na realização de seus projetos. Esta terceira proposta é um diálogo entre os ecossistemas criativos para que possam trocar experiências, materiais e técnicas construtivas e assim consigam potencializar a construção e manutenção de seus espaços privados.

Dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esta proposta pode contribuir principalmente com três: ODS 9 - Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; ODS 12 - Assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis; ODS 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

#### 3.4. Diálogo sobre o que Produzimos e Trocamos

Propomos que o diálogo entre os ecossistemas criativos seja no sentido de unir forças para promover a produção autoral local. Se cada empreendimento é visto como pequeno isoladamente, unidos representam um número significativo de negócios que estimulam o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Constatamos que os empreendimentos em geral, nos quatro tipos de ecossistemas criativos, estão relacionados com segmentos da Economia Criativa e da Economia Solidária. São empreendimentos que trabalham em áreas como design gráfico, design de produto, moda, comunicação, música, tecnologia, audiovisual, produção cultural e arquitetura. Outros são os que atuam em segmentos como o de projetos socioambientais e de desenvolvimento humano.

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável entendemos que esta proposta poderia ajudar a alcançar o ODS 1 - Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; o ODS 8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos; e o ODS 12 - Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.

#### 3.5. Diálogo sobre o que Alimenta Nossa Alma

Dialogar a respeito de arte e cultura é uma proposta que vai ao encontro do desenvolvimento humano e de sua sensibilidade estética. Entendemos que a arte é algo que une a todos os ecossistemas criativos, mesmo que cada um tenha suas linguagens e estilos de preferência. Todos eles realizam atividades artísticas como exposições de artes visuais, apresentações musicais, espetáculos de teatro e dança, encontros de leituras, entre outras.

São três os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável beneficiados por esta proposta: ODS 4 - Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; ODS 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

#### 3.6. Diálogo sobre o que nos Empodera

Propomos um diálogo entre os ecossistemas criativos para dar ainda mais voz a pessoas que abordam questões tão urgentes como o empoderamento feminino, a luta contra a

violência sexual e o respeito à diversidade sexual e de gênero. A proposta deste diálogo pode vir a fortalecer a busca por mais políticas públicas capazes de diminuir o número de mortes de mulheres, gays, travestis e transexuais.

Quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, esses são aqueles que estariam mais próximos de ser alcançados a partir deste diálogo: ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar as mulheres e meninas; ODS 10 - Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; ODS 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

#### 4. Conclusão

Para concluir, apontamos como um dos aprendizados da pesquisa realizada que o diálogo entre diferentes ecossistemas criativos, cada um levando as inovações sociais que promovem (seja na sua gestão, nas suas formas de produção e de resistência ao sistema socioeconômico atual ou de convivência em um meio urbano), pode vir a ser um encontro que os potencializa como novos modos de vida que fogem dos padrões atualmente dominantes. Concluimos também que determinadas atividades realizadas nos ecossistemas criativos e a partir deles, já contribuem, mesmo que em pequena escala, para o alcance de inúmeros ODS. Entendemos que os diálogos entre eles baseados nos valores e visões em comum que possuem podem ampliar a escala da contribuição para o desenvolvimento sustentável.

Entretanto, há algumas perguntas provocadas pela pesquisa: como realizar esses diálogos? Quem seria seu ativador? Onde esses diálogos poderiam acontecer? Como possível resposta à essas perguntas e como oportunidade de pesquisas futuras, finalizamos defendendo a importância e o papel dos Projetos de Extensão Universitária nas faculdades de design, capazes de articular os mais diversos atores e potencializar as trocas entre a academia e a sociedade. O potencial transformador da Extensão Universitária e sua prática pautada pela democracia e por processos dialógicos nos faz enxergá-la como o tempo e o espaço para essa necessária e urgente interação em prol de um mundo sustentável.

#### Referências

ARTE DE ANFITRIAR. O que é? [S.l.], [2017?]. Disponível em: <<http://www.artofhosting.org/pt-br/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

AVELINO, Flor et al. Transformative social innovation and (dis)empowerment. *Technological Forecasting and Social Change*, [S.l.], p. 1-12, 2017. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162517305802>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

BUENO, Aline C. P.. Uma coalizão de design para a transformação social: propondo diálogos estratégicos entre ecossistemas criativos. 2018. Dissertação (Mestrado em

Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2018.

FRANZATO, Carlo et al. Inovação cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social. São Paulo: Ed. Kazuá, 2015, p. 157-182.

FREIRE, Karine; DEL GAUDIO, Chiara; FRANZATO; Carlo. Estratégias de design em ecossistemas criativos de inovação social. In: INTERNATIONAL FORUM OF DESIGN AS A PROCESS, 6., 2016, Valência. Proceedings... Valência: Editorial Universitat Politècnica de València, 2016. Disponível em: <<http://ocs.editorial.upv.es/index.php/IFDP/IFDP/paper/view/3289>>. Acesso em: 25 set. 2017.

HAXELTINE, Alex et al. A framework for transformative social innovation. Roterdã, 2016. Disponível em: <<http://www.transitsocialinnovation.eu/resource-hub/a-framework-for-transformative-social-innovation-transit-working-paper-5>>. Acesso em: 14 jun. 17.

HOLMGREN, David. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

JÉGOU, François; MANZINI, Ezio. Collaborative services: social innovation and design for sustainability. Milão: Edizioni POLI.design, 2008.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.

MANZINI, Ezio. Design, quando todos fazem design. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

MERONI, Anna. Creative Communities: people inventing sustainable ways of living. Milão: Edizioni POLI.design, 2007.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NAÇÕES UNIDAS. Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

OLIVEIRA, Oswaldo. Empreender em Rede. Mountain View: Google, 2014. (17min 1s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YZVBuDs2mi0>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SOCIOCRACIA, 2017. As forças criativas da auto organização. [S.l.], [2017?]. Disponível em: <<http://www.sociocracia.org.br/content/for%C3%A7as-criativas-da-auto-organiza%C3%A7%C3%A3o-0>>. Acesso em 10 nov. 2017.

VELASQUES, Taline S. Ecosistemas Criativos: relações colaborativas e ação projetual nos coletivos criativos informais. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2016.